

Decolonizar futuros comunicacionais algorítmicos frente às *big techs*: do provável ao possível¹

Carlos Batista²

Resumo expandido Painel Temático

O termo *BigTechs*, cuja tradução livre remete a “gigantes tecnológicas”, pode ser entendido como grandes corporações do setor tecnológico (computacional e digital) que consolidaram seus domínios mercadológicos a partir do final do século XX (Morozov, 2018).

A concentração de poder envolvendo igualmente a comunicação define o contexto deste ensaio e propõe discutir a problemática teorizada entre: probabilidades e possibilidades do decolonialismo digital algoritmizado, dando ênfase aos aspectos futuros.

Complementa-se, como questionamento principal, o que pode se esperar do futuro comunicacional, isto é, como serão realizadas as interações no amanhã; digitalmente homogêneas por algoritmos ou estimuladas por senso críticos?

A justificativa ao longo deste desenvolvimento é justamente tentar propor alternativas a essas discussões e questões, não exatamente com o propósito de confrontar modelos considerados hegemônicos, mas esclarecer atributos decoloniais interacionais.

Para isso, se utiliza como base teórica principal o pesquisador indiano Arjun Appadurai (2015) que versa sobre um futuro a ser construído entre dois aspectos principais, o das probabilidades (algoritmizadas); e o das possibilidades, inclusivas.

Configura-se, desse modo, uma metodologia qualitativa (Minayo, 2014) envolvendo pesquisas bibliográficas comparativas dos últimos cinco anos, utilizando-se além do referencial teórico principal autores como Silveira (2021), Cristóvam e Sousa (2024) e Cortiz (2025).

¹ Trabalho apresentado no ET (Capitalismo de dados, capitalismo de plataforma e capitalismo algorítmico) do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Realização Faculdade Cásper Líbero, nos dias 11 a 13 de novembro de 2025;

² Mestre em Educação (UNIB-SP); Doutorando em Comunicação (UNIP-SP); contactcarlos40@gmail.com.

O objetivo principal é: discutir o futuro comunicacional entre campos éticos do possível ou do provável, sobre o plano de fundo algoritmizado das *BigTechs*.

Como objetivo secundário, tem-se: analisar os reflexos comunicacionais dessas relações futuras. Ressaltando o processo de “dominação” algorítmica, financiado por essas empresas.

Espera-se, ao final, desenvolver entendimentos sobre todos os conceitos, fundamentados em análises de abordagens e práticas exemplificadas revelando, ou não, formatos de dominações digitais para promoção de interesses ideológicos e monetários.

Para Appadurai (2015, p. 254) o futuro é entendido como um fato cultural, quer dizer, a comunicação do amanhã não deve ser interpretada como algo que simplesmente tende a acontecer.

Ao contrário, ele é desenvolvido por meio de crenças, imaginações, aspirações, antecipações e principalmente por ações que quando aplicadas ao recorte comunicacional de nossa pesquisa, são entendidas por ações interativas articuladas (Escobar, 2018).

Para isso o teórico (2015, p. 246-250) as tipifica em três atributos, o primeiro pela imaginação. Segundo Appadurai (2015) o ato de imaginar é antes de mais nada uma questão social e política, ressignificada de diferentes formas, com a vantagem de sempre desenvolver alternativas.

Em seguida tem-se o conceito da aspiração, onde o autor desenvolve o ideal coletivo para melhores situações de convívio, aspirando futuros sem desigualdades e dificuldades de sobrevivência, mas sim de bem-estar.

Por último apresenta-se a antecipação. Na prática essa característica, quando desenvolvida, tende a prever ou mesmo controlar os fatos futuros justamente tentando antecipá-los no presente.

Diante desses atributos o indiano propõe dois campos éticos para gerenciá-los e exemplificá-los, são eles das probabilidades e das possibilidades (Appadurai, 2015, p. 251-255).

No primeiro impera a lógica do cálculo futuro controlado, das medições e análises de cenários cuidadosas e da aversão ao risco. Fatores em consonância a muitas práticas digitais (e comunicacionais) das *BigTechs*, através dos seus suportes algoritmizados (Silveira, 2021).

A segunda, das possibilidades, preconiza questões opostas, envolvendo à criatividade, a imaginação social e a criticidade.

Na prática, comunicar o futuro acarreta em um campo de disputa (Appadurai, 2015), pois quem pode controlar as interatividades midiáticas tem enorme vantagem sobre o controle do presente para o projeto do amanhã.

Porém, em vista da tensão entre probabilidades algoritmizadas e possibilidades inclusivas, frente ao domínio das *BigTechs* e ao fascínio digital, é providencial que se construam espaços democráticos no futuro, entendidos por campos decoloniais comunicacionais.

Antes, elucidamos o colonialismo de dados como um instrumento de dominação do capitalismo digital contemporâneo (Silveira, 2021).

Países, em sua maioria do sul global, são dependentes de tecnologias e infraestruturas digitais promovidas por empresas situadas no norte, o vínculo acarreta além da exploração de recursos físicos e humanos também o controle e manipulação das comunicações (Silveira, 2021).

O resultado é o agravamento de desigualdades históricas, antes sociais e agora digitais (Quijano, 2005).

A contrapartida é o decolonialismo nacional promovendo o desenvolvimento de infraestruturas próprias e principalmente protegendo os interesses nacionais de leis, autonomia e transparências institucionais (Cristóvam e Sousa, 2024).

Compreendemos que o ciclo se repete no sentido de que a colonialidade digital se torna uma nova forma de colonialidade do poder e do saber (Mignolo, 2017).

Atualmente o controle informacional (e comunicacional) é exercido por infraestruturas e interfaces algoritmizadas com capacidades para intermediar relações sociais, promovendo filtros invisíveis e normas reguladoras pouco nítidas, adaptáveis aos seus interesses.

Diante de todo o exposto, entende-se um presente narrativo algoritmizado tratado como dominante. Descolonizá-lo se torna somente uma possibilidade, pois envolve acima de tudo participação coletiva e senso de criticidade.

A questão principal são seus efeitos, se discute a fragilidade social (e crítica) de discursos nesses contextos, exemplificadas por plataformas digitais, que sob modelos de predições comportamentais de resultados lógicos, podem claramente determiná-los (Cortiz, 2025).

Temos ainda como fator preocupante as fontes de dados que sustentam essas operações, a chamada *big data* (Morozov, 2018).

Cortiz (2025, p.1) adiciona a questão comunicacional do compartilhamento, fundamental para esse sucesso, quando enumera o efeito rede, fenômeno que promove maior valor a um produto ou serviço, enquanto cada vez mais pessoas o utilizam.

Estimulam-se convites à experimentá-lo sem a permissão de uma saída fácil e espontânea, traduzindo-se no conceito de jardins murados (Cortiz, 2025), entendidos como ecossistemas digitais privados, controlados e fechados por *BigTechs* para seus usuários.

Praticar o decolonizar comunicacional se torna impraticável em vista do poder centralizador e altamente previsível do algoritmo (Cristóvam e Sousa, 2024).

Exceto pelo senso crítico, com o estímulo ao letramento algorítmico (Silveira, 2021), na percepção que estamos diante de um colonialismo de dados promovidos por empresas de tecnologias com interesses comerciais e sociais.

Sendo assim o estudo, mesmo em seu desenvolvimento inicial, conclui que o futuro comunicacional baseado em algorítmicos não é neutro e sim um campo de disputas onde se prevalece relações de poder consolidadas por *BigTechs*.

Esse poder comunicacional se tornou tão relevante e abrangente que amplia a discussão do conceito decolonial, não apenas voltado às interações digitais e sim às interações sociais.

A relação interacional é traduzida por empresas tecnológicas, com os seus recursos algoritmizados, agindo como emissores de mensagens com explícitos interesses e desejos.

Os eixos éticos discursivos possíveis ou prováveis de Appadurai (2015) contribuem como peça-chave analítica na compreensão de tensões e possíveis consequências.

É possível distinguir, dessa forma, padrões preditivos comunicacionais baseados em modelos estatísticos, orientados a resultados de eficiência e controle, quer dizer, o provável só é possível porque desenvolve e consegue se retroalimentar.

Já a parte das possibilidades remete ao inverso, a prática comunicacional decolonial crítica desenvolvendo novas linguagens que objetivam romper lógicas de dependência comunicacional, focando, na pluriversalidade (Escobar, 2018) e em ambientes digitais interativos democráticos (Cortiz, 2025).

O futuro digital comunicacional decolonial a ser explorado perpassa por esses últimos estados, tratando-o não como uma exceção e sim uma condição para sua existência futura.

Palavras-chave

sociedade; midiático; globalização; sentidos; amanhã.

Referências

APPADURAI, Arjun. **El futuro como hecho cultural: ensayos sobre la condición global**. Traducción de Silvia Villegas. México D.F.: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2015. p. 241-280.

CORTIZ, Diogo. A “merdificação” da web: como a internet livre virou império das big techs. **UOL**, 12 out. 2025. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/colunas/diogo-cortiz/2025/10/12/a-merdificacao-da-web-como-a-internet-livre-virou-imperio-das-big-techs.htm>. Acesso em: 13 out. 2025.

CRISTÓVAM, José Sérgio da Silva; SOUSA, Thanderson Pereira de. Soberania tecnológica vs. colonialidade digital: Estado inteligente e políticas públicas para uma IA. **Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis: UFSC, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia>. Acesso em: 08 out. 2025.

ESCOBAR, Arturo. *Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds*. Durham: Duke University Press, 2018.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Tradução de Marco Oliveira, Vol. 32 n° 94 junho/2017: e329402. DOI 10.17666/329402/2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018. 192 p. (Coleção Exit).

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 08 out. 2025.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; SOUZA, Joyce; CASSINO, João Francisco (orgs.). Colonialismo de dados e modulação algorítmica: tecnopolítica, sujeição e guerra neoliberal. São Paulo: **Autonomia Literária**, 2021. Disponível em: https://fpabramo.org.br/editora/wp-content/uploads/sites/17/2022/06/colonialismodedados_fpa_WEB.pdf. Acesso em: 05 out. 2025.